

GÊNEROS
HUMORÍSTICOS
EM ANÁLISE

Ana Cristina Carmelino
Paulo Ramos
(organizadores)

GÊNEROS
HUMORÍSTICOS
EM ANÁLISE

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gêneros humorísticos em análise / Ana Cristina Carmelino,
Paulo Ramos, organizadores. – Campinas, SP : Mercado
de Letras, 2018.

Bibliografia

ISBN 978-85-7591-466-3

1. Análise do discurso 2. Gêneros literários 3. Humor
4. Linguística I. Carmelino, Ana Cristina. II. Ramos, Paulo.

18-16084

CDD-401.41

Índices para catálogo sistemático:

1. Humor : Análise linguísticas 401.41

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide

foto da capa: Marina Meirelles Gomide

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

bibliotecária: Iolanda Rodrigues Bode – CRB-8/10014

revisão final dos autores

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

JULHO / 2018

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

GÊNEROS E HUMOR	7
<i>Ana Cristina Carmelino e</i>	
<i>Paulo Ramos</i>	

GÊNEROS NECESSARIAMENTE HUMORÍSTICOS

LER PIADAS NA ESCOLA?	15
<i>Sírio Possenti</i>	

HUMOR EM CENAS DE CURTA DURAÇÃO: O ESQUETE EM SALA DE AULA.	41
<i>Ana Cristina Carmelino</i>	

TIRAS CÔMICAS, HUMOR E ENSINO	69
<i>Paulo Ramos</i>	

CHARGE: O HUMOR LEVADO A SÉRIO NO ENSINO	87
<i>Maria Cristina de Moraes Taffarello</i>	

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DOS MEMES	109
<i>Lilian Mara Dal Cin Porto</i>	

GÊNEROS EVENTUALMENTE HUMORÍSTICOS

QUANDO O HUMOR É NOTÍCIA 127
Silvana Maria Calixto de Lima

AS ESTRELAS DA HORTIFRUTI:
PUBLICIDADE, HUMOR E ENSINO 141
Roberto Leiser Baronas e
Lígia Mara Boin Menossi de Araújo

O HUMOR EM FILMES: FOCALIZANDO
A CONFUSÃO ENTRE O QUE É E O QUE
PRECISA SER. 159
Valdinar Custódio Filho

INTERTEXTUALIDADE COMO RECURSO
HUMORÍSTICO EM DESENHOS ANIMADOS 179
Mônica Magalhães Cavalcante,
Kennedy Cabral Nobre e Mariza Angélica Paiva Brito

HUMOR EM PERFIS FAKES DAS REDES SOCIAIS. 197
Francisco Alves Filho

O RISO DO DISCURSO: MÚSICA E
HUMOR EM SALA DE AULA 219
Luiz Antonio Ferreira

LENDO O HUMOR NO POEMA 239
Francine Fernandes Weiss Ricieri

SOBRE OS AUTORES 269

GÊNEROS E HUMOR

Ana Cristina Carmelino

Paulo Ramos

Seria lugar-comum dizer que o humor faz parte da vida do brasileiro. Basta conversar com alguém em uma roda de amigos para ter uma prova concreta disso. Não deveria causar estranhamento, então, haver um certo verniz cômico na área de ensino também – afinal, espera-se que os conteúdos educacionais reflitam aspectos da sociedade em que estão inseridos.

O que causa estranhamento, no entanto, é o modo como isso se dá. A tendência é usar o humor no ensino apenas como uma porta de entrada para introduzir determinados assuntos ou então de forma associada a mero entretenimento. Em ambos os casos, os conteúdos inerentes aos textos são abordados de maneira tangencial, sem que estejam acompanhados do necessário e do esperado aprofundamento das questões ali postas e das estratégias utilizadas para a produção do(s) sentido(s) cômico(s).

É dessa forma que têm sido construídos muitos dos livros didáticos que circulam pelas mãos dos estudantes brasileiros. O humor está presente, porém de forma acanhada. À timidez no trato do tema soma-se outro dado: a constatação da dificuldade que há para trabalhar linguisticamente produções assim. Talvez

como consequência da maneira como o assunto foi historicamente abordado no ensino.

A inclusão de textos humorísticos nos materiais didáticos vem de longa data, de uma época em que ainda se tinha alguma resistência no uso dessas produções na escola. Parecia que, por serem de cunho cômico, não seriam sérias o suficiente para comporem conteúdo escolar. De certa forma, ainda se encontram ecos desses sinais no ensino brasileiro.

Fato é que a presença de criações humorísticas tem se ampliado no meio educacional a partir da virada do século, muito por conta da formalização de gêneros relacionados ao tema nos documentos oficiais de ensino. As Orientações Curriculares para o Ensino Médio, para ficarmos em apenas um exemplo, explicitam o uso de piadas como uma das formas de o sentido ser trabalhado junto aos alunos.

Outro fator que contribuiu para a inclusão do humor na agenda educacional é o aumento dos estudos sobre o tema nas universidades brasileiras. Hoje, tem-se defendido que ele – o humor – já constitua um campo próprio, ou seja, teria um conjunto de regras particulares, uma gama de gêneros autônomos e integraria diferentes perspectivas teóricas. O linguista Sírio Possenti é um dos defensores dessa ideia.

Diante desse cenário, aliado ao fato de que o humor predomina nos ambientes digitais cada vez mais utilizados por todos, estudantes, inclusive, a questão que se coloca é: como, então, devem ser abordados textos como esses no âmbito educacional? Outra pergunta: quais gêneros poderiam ser trabalhados com os alunos em práticas de ensino-aprendizagem?

O começo da resposta não é tão objetivo como se poderia esperar: depende. Depende do que se pretenda ensinar, de com quantas aulas se possa contar, de como o uso do texto irá acrescentar ao que se propõe, do modo como a produção será inserida na sequência didática inicialmente planejada, da propensão

do docente em trabalhar com esse tipo de produção. Como dito, depende.

Superadas essas etapas, ou essa série de “dependes”, abre-se uma enorme porta de possibilidades para se trabalhar de textos humorísticos, presente em diferentes gêneros. Estes têm sido um elemento crucial para a discussão do ensino básico brasileiro a partir da virada do século. Isso porque a proposta que tem sido defendida nas licenciaturas do país é que o aluno seja proficiente na leitura e na escrita de produções das mais variadas, tanto verbais quanto visuais.

O tema ganhou bastante força no país por meio dos estudos do pensador russo Mikhail Bakhtin [1895-1975]. A proposta dele e de seu círculo de autores é que existem formas tendencialmente estáveis no processo de comunicação, a ponto de serem reconhecidas e reconhecíveis no contato entre as pessoas. Seriam regularidades construídas e, por isso, passíveis de “ajustes”, daí seu caráter relativamente estável, como diz.

Destacou também que todos teriam uma estrutura composicional, um estilo próprio e uma temática, vinculada ao campo a que pertence (jornalístico, literário, político etc.). Essas marcas, ao mesmo tempo em que seriam comuns aos gêneros, fariam também com que os singularizassem, diferenciando uns dos outros.

Essas ideias, descritas aqui de forma bastante resumida, foram lidas de formas distintas por diferentes correntes teóricas da área das Letras. Vem daí a pluralidade de termos para se referir ao conceito: gênero do discurso, gênero discursivo, gênero textual, gênero de texto ou somente gênero. Cada uma a seu modo, ora se aproximando das ideias bakhtinianas, ora dela se distanciando, todas parecem convergir – e concordar – na premissa de que existem formas tendencialmente tipificadas no processo de comunicação.

É ancorada nessa convergência que esta obra procura pensar a questão. Por isso, adotou-se ao longo dos capítulos a expressão

“gênero”, sem seus complementos qualificadores, de modo a reforçar os pontos confluentes desse bem-vindo diálogo entre distintos campos teóricos das áreas da linguagem e da literatura. Outro aspecto comum é a identificação de gêneros que abordem, direta ou indiretamente, a questão do humor.

Mas por que direta ou indiretamente? Porque há gêneros que têm em seu DNA a presença do humor – piadas, por exemplo – e outros não – como poemas. É isso que os linguistas Sírio Possenti (já citado) e Luiz Carlos Travaglia, em diferentes textos, têm chamado de gêneros estritamente ou necessariamente humorísticos ao lado de outros, que seriam eventualmente humorísticos.

O uso da expressão “gêneros humorísticos”, que integra o título deste livro, é um reflexo dessa leitura. Falar que um texto integra um gênero humorístico, nessa acepção, seria equivalente a dizer que ele pode ser essencialmente ou mesmo eventualmente humorístico e que, em ambas as situações, dialoga (mais ou menos fortemente) com o campo próprio do humor.

A divisão proposta por Possenti e Travaglia também serviu de norte para o agrupamento dos capítulos na obra. Afora este, que se divide entre as tarefas de introdução teórica para o tema e de apresentação da obra em si, os textos da obra irão se aproximar ora dos gêneros necessariamente humorísticos, ora dos eventualmente humorísticos. Além da questão da comicidade (lida aqui de maneira mais ampla e sinônima de humor), todos terão como norte alguma aplicação daquela forma de produção no ensino, ora de forma mais detalhada, ora menos.

Cinco trabalhos discutem gêneros do primeiro grupo, o dos necessariamente humorísticos. Sírio Possenti, já mencionado nestas linhas, abre a discussão, abordando as piadas. Na sequência, Ana Cristina Carmelino aborda os esquetes. Depois, Paulo Ramos e Maria Cristina de Moraes Taffarello trabalham dois gêneros também vinculados às histórias em quadrinhos: as tiras cômicas e as charges. Lilian Mara Dal Cin Porto finaliza esta primeira parte com uma discussão sobre os *memes*.

Sete capítulos ajudam a compreender melhor alguns dos gêneros vinculados ao segundo bloco, o dos eventualmente humorísticos. Silvana Maria Calixto de Lima trabalha a relação entre notícia e o que se entende por notícia satírica – matérias jornalísticas falsas e que, por isso mesmo, apresentam teor cômico. Roberto Leiser Baronas e Lígia Mara Boin Menossi de Araújo, por sua vez, abordam brincadeiras feitas com outro gênero midiático, a publicidade.

Valdinar Custódio Filho volta o olhar para o cinema para extrair da chamada sétima arte aspectos humorísticos a serem levados à realidade do aluno. De forma bastante próxima, porém tendo as animações como fonte de análise, Mônica Magalhães Cavalcante, Mariza Angélica Paiva Brito e Kennedy Cabral Nobre se enfrontam no gênero, observando essas produções sob o viés da intertextualidade. Francisco Alves Filho aborda perfis *fakes* (falsos) criados em redes sociais da internet. Finalizam a obra os capítulos de Luiz Antonio Ferreira sobre o humor em canções e de Francine Fernandes Weiss Ricieri a respeito da comicidade nos poemas.

É importante registrar que houve a preocupação de as exposições serem redigidas da forma mais didática possível. É por isso que se procurou evitar citações e uma escrita mais “acadêmica”, por assim dizer. Pelo mesmo motivo foram acrescidas de quando em quando informações complementares sobre determinado assunto, rotuladas com a expressão “saiba mais”.

Esses cuidados na forma de escrita, também é importante destacar, não diminuem em nada o rigor com que os temas foram trabalhados, tampouco significam que não estejam atrelados a conceitos teóricos vinculados às diferentes áreas da linguagem. No fim, constam as obras que pautaram as discussões de cada um dos capítulos para eventual – e desejável – aprofundamento sobre aquele tema.

Iniciamos este texto falando sobre lugar-comum. Encerramos abordando outro, o de que a expectativa de uma obra como esta é a de ajudar no aprofundamento dos gêneros humorísticos. A expectativa é que a obra tenha cumprido essa função.

Referências

- BAKHTIN, M. (1953[2000]). “Os gêneros do discurso”, *in: Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, pp. 277-326.
- CARMELINO, A. C. e RAMOS, P. (2015). “Uma trajetória das pesquisas linguísticas sobre humor no Brasil”, *in: CARMELINO, A. C. (org.) Humor: eis a questão*. São Paulo: Cortez, pp. 7-17.
- POSSENTI, S. (2010). *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto.
- TRAVAGLIA, L. C. (2015). “Texto humorístico: o tipo e seus gêneros”, *in: CARMELINO, A. C. (org.) Humor: eis a questão*. São Paulo: Cortez, pp. 49-90.